

REFLEXÕES ACERCA DE EXU NA UMBANDA POR MEIO DE RUBENS SARACENI (BRASIL – SÉCULO XX)

Augusto Bueno Rosin (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Vanda Fortuna Serafim
(Orientadora), e-mail: ra115185@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

70500002 HISTÓRIA
70505004 HISTÓRIA DO BRASIL

Palavras-chave: Exu, História Cultural, Rubens Saraceni.

Resumo: A pesquisa objetivou compreender as entidades da Umbanda presente na obra de Rubens Saraceni. Sobretudo, analisar a construção da entidade Exu; discutir as representações do Exu Meia-Noite; e compreender os hibridismos que permeiam a construção de Exu enquanto entidade. A fonte histórica consiste na obra literária *O Guardião da Meia-Noite*, do líder umbandista Saraceni (Brasil – 1991), com recorte histórico no Brasil do século XX. Abordado por uma metodologia direcionada as fontes literárias e de categorias conceituais da História Cultural, a obra permitiu evidenciar uma disputa pelas significações de Exu: a demonização do Exu-orixá; a reinterpretação efetuada pela Umbanda; e a permanência das raízes afro-diaspóricas. Resultou-se que a representação de Exu na obra se inscreve na própria caracterização que detém na religião: um “Exu-batizado”, uma entidade, que está em vias de evolução espiritual. Concomitantemente, elabora-se enquanto hipótese que as funções assumidas pela entidade na obra reforcem suas narrativas mitológicas, reinventadas na diáspora forçada.

Introdução

Inserido do campo historiográfico e ligado as discussões sobre as culturas e narrativas como produto/produtoras das distintas realidades históricas, a presente pesquisa se envolveu num estudo particular da formação histórica das religiões afro-brasileiras e das transformações nelas ocorridas ao longo do século XX. Isto é, este trabalho deteve como objetivo compreender e mapear as entidades da Umbanda ao estudar um personagem que é o mais dinâmico e mal interpretado dentre o que se cultua nestas religiões do Brasil: Exu.

Entretanto, ciente dos limites impostos numa iniciação científica e das próprias premissas teórico-metodológicas advindas da ciência histórica, procurou-se aqui analisar a construção de Exu a partir de uma fonte histórica particular, uma obra literária específica: o romance *O Guardião da Meia-Noite*, elaborado pelo escritor e líder umbandista, Rubens Saraceni. Por isso,

objetivou-se discutir as representações de um personagem situado na obra, Exu Meia-Noite. E também compreender os hibridismos efetuados, dentro da narrativa literária, nos quais permeiam a edificação de Exu enquanto uma entidade na religião umbandista.

No tocante a biografia de Rubens Saraceni, este sendo considerado um dos autores umbandistas mais lidos no Brasil, com uma imensa produção de livros, seja doutrinários ou literaturas romanceadas, que tratam da temática religiosa da Umbanda, suas premissas e constituição de sua cosmovisão religiosa, especialmente segundo a vertente específica na qual Saraceni fundou e encabeçou, a partir da inspiração de entidades espirituais, chamada Umbanda Sagrada.

Resumidamente, o conteúdo do romance se trata de uma entidade, Exu da Meia-Noite, na qual é contada toda sua trajetória, desde antes de sua encarnação. Ao ter agido de maneira pecaminosa em vida carnal, acabou sendo colocado nos planos inferiores do mundo espiritual. E como forma de compensar suas ações erradas, torna-se um Guardiã, aonde eu papel, do seu lugar nas Trevas, é o cumprimento da lei de evolução cármica da Umbanda. Ao transitar nesse limiar, ele pode mostrar a luz aos que estão nas trevas e fazer os que estão na luz desistirem de descer.

Portanto, dos objetivos pretendidos e da seleção desta documentação para estudo, delimitou-se então o recorte espacial e temporal da pesquisa relatada, ou seja, o Brasil do século XX. Este sendo entendido como a conjuntura na qual se analisa a representação de Exu por Saraceni, pois se deve a elaboração e publicação da obra literária em questão que se deu no ano de 1991, neste país, bem como do espaço que compreende a própria formação histórica da Umbanda, desde o início do período novecentista. No entanto, apesar deste recorte, inferências e explicações sobre o cenário anterior a criação da Umbanda também se tornaram pertinentes, mesmo de maneira sucinta, como forma de balizar as questões relativas ao percurso que Exu tomou ao longo da história no Brasil.

Materiais e métodos

Torna-se imprescindível explicitar como uma obra literária – como o romance *O Guardiã da Meia-noite* – pode ser entendida enquanto uma documentação para a pesquisa historiográfica e, em conjunto, desvelar as próprias orientações metodológicas que são pertinentes, no campo da História, para o tratamento da literatura. De acordo com Antonio C. Ferreira (2009), é papel do pesquisador articular a respectiva obra literária que estuda com o contexto sociocultural na qual estava inserido sua elaboração e recepção. Por isso, segundo o autor, diferentemente dos pesquisadores de Letras, que analisam de maneira interna e estrutural as obras literárias, o historiador pode até elencar certos elementos inerentes a obra em si, mas sempre em relação a este mundo histórico e social, que é onde o seu trabalho se desenvolve.

Sendo assim, Ferreira (2009) afirma a necessidade da operação historiográfica, metodologicamente, escapar da dualidade em escolher uma

investigação dedicada somente a análise textual (interna) ou contextual (externa), e direcionar ambas num mesmo estudo, ou seja, visualizando marcas da sociedade e da cultura no interior dos escritos, bem como compreender os significados destes últimos na sociedade. Portanto, ferramentas como o diálogo da fonte com o mundo circundante e a articulação no contexto sociocultural, são elementos fundamentais para análise do historiador. A conjuntura na qual antecede e a que estava inserido Saraceni permite entender as suas representações de Exu, bem como a relação da fonte com outros materiais, ajudam no estudo da construção da entidade e os hibridismos efetuados.

Além disso, reivindica-se na pesquisa conceitos da História Cultural. De acordo com Roger Chartier (2002), esse campo tem por objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, p. 16-17). Assim, as visões de mundo e significados que as sociedades históricas reivindicam sobre si e outros passaram a ser, também, objetos de estudo do historiador. E é nesse sentido que o conceito de “representação” se torna relevante, especialmente porque viabiliza entender as diferentes maneiras que os indivíduos se organizam e compreender a descontinuidade de suas trajetórias históricas. Ao pesquisador analisar as formas que os grupos objetivam agir nas experiências históricas, isto é, as representações e as intencionalidades nas quais foram permeadas, é que se possibilita estudar a construção de Exu, na obra literária do líder umbandista Saraceni.

Resultados e Discussão

Nas mitologias das culturas africanas, de acordo com Liana S. Trindade (1985), Exu é considerado uma divindade que atua enquanto o princípio dinâmico da existência cósmica e humana, participa de todos os domínios cosmológicos. Suas narrativas o representam como transportador do “asê”, que “designa em nagô a força vital que assegura a existência dinâmica, permitindo o acontecer e o devir. Exu representa esta força encontrada em todos os elementos animados e inanimados, que define a ação e a estrutura desses elementos.” (TRINDADE, 1985, p. 74). Seu lugar de morada, a encruzilhada, estabelece seu papel de mensageiro entre as divindades e seres humanos.

As relações de movimento e devir são igualmente importantes a seu funcionamento mitológico. Assim, para justamente incentivar a mobilidade, informa Trindade (1985), Exu deposita o acaso e a sorte no destino dos seres humanos, “rompe os modelos conformistas do universo, introduzindo a desordem e a possibilidade de mudanças” (TRINDADE, 1985, p. 79). Entretanto, esta sua característica contribuiu para sua direta relação, aos olhos dos colonizadores europeus, como o próprio diabo cristão.

Foi deste cenário de demonização que as diferentes facetas das culturas africanas foram transportadas para a América, influenciando as construções operadas neste “novo mundo”. Nesse sentido, durante a

formação histórica da Umbanda no Brasil do século XX, que Exu sofreu uma reinterpretação na religião. Exu passou a compreendido como, menciona Léo C. Nogueira (2014), “um espírito ainda em evolução, que deve prestar trabalhos de caridade para evoluir e deixar sua condição de espírito inferior. Sua condição de espírito inferior vem de sua própria encarnação, marcada sempre pela falta de uma conduta moral rígida, e pelos erros e pecados cometidos” (NOGUEIRA, 2014, p 129). Tornou-se um “guardião” do plano astral. E isto é observado exatamente na obra literária analisada, por exemplo:

- Eu gosto do jeito que sou, Guardiã da Meia-Noite. Sou muito mais útil à Lei assim. Eu poderia ter mudado minha forma e conquistado a Luz, mas achei melhor continuar como um guardião dos caminhos, pois a Lei precisa de mim para colocar um freio naqueles que ousam ultrapassar os seus limites. (SARACENI, 1991, p. 77)

Conclusões

Resulta-se que a representação de Exu na obra de Saraceni se inscreve na própria caracterização que esta entidade detém na Umbanda e suas influências: um “Exu-batizado”, uma entidade, que está em vias de evolução espiritual, e que foi propagado especialmente por um líder que, em sua conjuntura, procura codificar uma doutrina à Umbanda. Ao mesmo tempo, elabora-se enquanto hipótese na pesquisa que as funções assumidas por Exu na obra também desempenham, justamente como “guardião”, os conteúdos mitológicos criados em África, reinventados no Brasil a partir de suas expressões religiosas, como a Umbanda.

Agradecimentos

Quero agradecer a minha orientadora, Vanda F. Serafim, pela parceria firmada e também da confiança dada para continuidade deste trabalho. E ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pelo importante apoio financeiro, propiciando plena dedicação à pesquisa.

Referências

- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Algés: Difusão Editorial, 2002.
- FERREIRA, Antonio C. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). **O historiador e suas fontes**. 1 ed. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2009.
- NOGUEIRA, Léo Carrer. **Exu no “novo mundo”**: o processo de hibridação cultural da umbanda na diáspora africana. *Élisée - Revista de Geografia da UEG*, v. 3, n. 1, p. 116-134, 2014.
- SARACENI, Rubens. **O Guardiã da Meia-Noite**. São Paulo: New Transcendentalis, 1991.
- TRINDADE, Liana S. **Exu**: símbolo e função. São Paulo: FFLCH/USP, 1985.